

Seminário

Augusto, Feitos do Divino Augusto, I: “Aos dezenove anos, formei um exército por minha iniciativa e às minhas custas. Com ele restituí à liberdade a república oprimida pelo domínio de uma facção. Por isso, o senado admitiu-me à sua ordem com decretos honoríficos, ao mesmo tempo cedendo-me, no consulado de C. Pansa e A. Hircio, a prerrogativa de sentenciar, a mesma dos cônsules, e entregou-me o poder. Ordenou ainda que, sendo eu pró-pretor, juntamente com os cônsules providenciasse para que a república não sofresse qualquer desgaste. O povo, no mesmo ano, fez-me cônsul, já que os dois cônsules haviam tombado numa guerra. Fez-me também triúviro com a incumbência de que a república houvesse de se consolidar.

II: Por demandas legais expulsei para o exílio, tendo punido seu crime, os que haviam matado o meu pai e, em seguida, venci-os duas vezes em combate ao declararem guerra à república.

III: Muitas vezes fiz guerras, civis e externas, na terra e no mar por todo o mundo, e, vencedor, poupei todos os cidadãos que pediam clemência. Prefiri conservar a destruir os povos estrangeiros a que se pôde, com a devida segurança, perdoar. Cerca de quinhentos mil cidadãos romanos prestaram-me o juramento militar. Desses, mandei às colônias ou reenviei para seus municípios, ao final da carreira, algo mais do que trezentos mil, e a todos eles distribuí terras ou dei dinheiro como paga pelos serviços. Além disso, capturei seiscentos navios, não contadas aquelas embarcações menores do que as trirremes”.



Detalhe: Ara Pacis Augustae

Tácito, *Anais*, XII, 7: “Desde esta época tomou nova forma a cidade: tudo obedecia a uma mulher, porém ao menos esta não insultava a República com as suas obscenidades, como fazia Messalina. Estabelece-se uma pesada escravidão que tinha todo o caráter viril, mas no público havia muita austeridade, e até muitas vezes altivez e soberba; e no interior do palácio nenhuns adultérios, senão os que a política fazia necessários para segurar a autoridade. A sede hidrópica de ouro era com efeito insaciável, porém ao menos também era com o pretexto de ser assim preciso para dar vigor ao governo”.

Tácito, *Anais*, XII, 8: “Porém Agripina, para se não dar somente a conhecer por ações de iniquidade, alcançou para Aneu Sêneca o perdão do seu desterro, e a dignidade de pretor, tendo para consigo, que executava uma coisa muito do agrado do público pela fama eminente dos seus talentos e letras; que nele teria um bom mestre para a educação de **Domício**, e que os seus conselhos valeriam de muito para realizar suas esperanças futuras”.

Tácito, *Anais*, XII, 26: “Promulgou-se uma lei para que ele entrasse na família dos Cláudios, e tomasse o sobrenome de **Nero**: e nem esqueceu Agripina, que foi elevada ao título de *Augusta*”.

Tácito, *Anais*, XII, 27: “Agripina, para também ostentar o seu poder para com as nações aliadas, conseguiu que alguns veteranos fossem estabelecer uma colônia na cidade dos Úbios, em que ela tinha nascido, e à qual se deu o seu nome”.

Tácito, *Anais*, XIV, 3:

“Desde então Nero começou a fugir de estar só com a mãe; e a elogiá-la, quando ela ia para seus jardins ou para as suas terras de Túsculo e de Ântio, pelo gosto que entrava a ter pelo retiro. Afinal, achando-a importuna em qualquer parte que estivesse, tratou de a matar, unicamente indeciso se empregaria o veneno, ou o ferro, ou qualquer outro meio violento. Primeiramente preferiu o veneno, porém lembrou que, se lhe fosse ministrado quando todos estivessem à mesa, não pareceria casual a sua morte depois do que havia acontecido com Britânico; e o corromper os seus criados seria uma coisa mui dificultosa, sendo ela, pelo grande uso que tinha de todas as maldades, uma mulher sumamente acautelada; e sabendo-se ao mesmo tempo que já andava precavida com certos contravenenos. O encobrir os vestígios de qualquer outra morte que se lhe desse com o ferro tinha ainda iguais ou maiores dificuldades; e até se receava não ser possível achar pessoa tão atrevida que se quisesse incumbir da comissão. Para esta empresa veio enfim oferecer os seus talentos o liberto Aniceto, comandante da esquadra de Miseno, um dos mestres da infância de Nero, e que era tão inimigo de Agripina como esta também o era dele. Disse, “que se podia fabricar um navio, uma parte do qual, sem que a mãe o suspeitasse, se abrisse de repente, e a fizesse cair ao mar. Que nada havia tão inconstante como as viagens marítimas; e se ela percesse com todas as aparências de um naufrágio, quem haveria tão ousado e perverso que atribuisse a crime a obra dos ventos e das ondas? Que depois da sua morte lhe mandasse então o príncipe erigir um templo e altares, e fizesse tudo o mais que inculcasse o seu respeito filial, e uma sincera saudade”.

Referências bibliográficas das traduções:

AUGUSTO; SUETÔNIO. **A Vida e os Feitos do Divino Augusto**. Trad. M. Trevizam, P. S. Vasconcelos e A. M. Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

TÁCITO. **Anais**. Trad. J. L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1952. (Clássicos Jackson, vol. XXV).